

A cadeira humana

The Human Chair

Gisele Tyba Mayrink Orgado¹

Resumo: *The Human Chair* (人間椅子 *Ningen Isu*), ou em tradução livre, *A Cadeira Humana*, trata-se de um conto escrito por Edogawa Ranpo (1894-1965), publicado em 1956. A história explora a arte, o erotismo e o universo sensorial, ao mesmo tempo em que percebe-se, sutilmente, a preocupação de Ranpo com um distanciamento emergente em um Japão moderno, e o fetiche pelo Ocidente. O conto foi adaptado para a TV, para o cinema, e circula, também, com uma popular sequência re-criativa em *manga*, ilustrada pelo quadrinista de *J-horror*, Junji Itō, incorporando o elemento gráfico ao suspense e horror narrados no conto. Com este projeto de tradução almeja-se dar destaque e tornar acessível a obra literária de Edogawa Ranpo, um importante autor japonês cuja produção até então não se encontra disponível no idioma português, à exceção de uma tradução informal realizada a partir do *manga* mencionado.

Palavras-chave: Literatura japonesa. Edogawa Ranpo. Contos de terror.

Abstract: *The Human Chair* (人間椅子 *Ningen Isu*), in a free translation, *A Cadeira Humana*, is a short story written by Edogawa Ranpo (1894-1965), published in 1956. The narrative explores the art, the eroticism, and the sensorial universe while highlighting, in a subtle way, Ranpo's concern with an emerging detachment in a modern Japan, and the fetish for the West. The tale has been adapted for TV, for cinema film, and it is also available in a popular re-creative *manga* sequence, illustrated by the J-horror comic book artist Junji Itō, incorporating the graphic element into the suspense and horror presented in the tale. With this translation project, we aim to give prominence to and make accessible the literary work of Edogawa Ranpo, an important Japanese author whose production it is still not available in Portuguese, except for an informal translation based on the aforementioned *manga*.

Keywords: Japanese Literature. Edogawa Ranpo. Horror Tales.

¹ Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre e Doutora pelo mesmo programa e instituição. Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (FACHA-RJ); possui bacharelado e licenciatura em Letras-Inglês (UFSC). Atuou como professora de Língua e Cultura Japonesa; de Inglês; e de Português como Língua Estrangeira. Foi selecionada para o posto de Leitora Brasileira (Capes/MRE) para exercer suas atividades na Universidade de Birmingham, UK. gisele.orgado@gmail.com

Introdução

Conhecido, principalmente, por Edogawa Ranpo, o autor Hirai Tarō (1894-1965) desempenhou um importante papel no crescimento da ficção e do mistério no universo literário japonês. Inevitável fugir ao clichê de apresentar Ranpo relacionando-o ao autor Anglo-Americano Edgar Allan Poe, a quem admirava e lhe trouxe inspiração para seu pseudônimo e seu estilo narrativo². Estudou Economia na Universidade de Waseda, em Tóquio, época em que descobriu e traduziu romances policiais de autores como Poe, Sir Arthur Conan Doyle e G.K. Chesterton, que influenciaram fortemente sua predileção literária.

Sua primeira publicação foi *Nisen dōka* (*The 2 sen Copper Coin*, 1923), muito bem recebida pela crítica, e que foi o primeiro de muitos contos e romances que escreveria durante o período entre as Primeira e Segunda Guerras Mundiais, dando início a um novo gênero de ficção policial no Japão, e articulando a lógica cultural do *ero-guro-nansensu*. Sua criação mais duradoura foi o detetive Kogorō Akechi, que surgiu pela primeira vez em *D-zaka no Satsujin Jiken* (*The Case of the Murder on D Hill*, 1925), em uma clara analogia ao personagem inglês Sherlock Holmes. Suas obras foram amplamente adaptadas para produções do cinema clássico, da animação, e mesmo de *mangas*. Desde 1995 seu prestígio se mantém, nomeando o prêmio anual Edogawa Ranpo, para obras literárias japonesas de ficção policial.

The Human Chair (人間椅子 *Ningen Isu*), ou em tradução livre, *A Cadeira Humana*, é um dos vários contos que compõem a coletânea do escritor e crítico Edogawa Ranpo, *Japanese Tales of Mystery & Imagination* (1956). Foi publicada pela primeira vez em 1925, na revista literária *Kuraku*. A surreal narrativa retrata o lado mais sombrio da psique humana e nossos reais, porém indescritíveis, desejos. A história explora a arte, o erotismo e o universo sensorial, e um personagem que logo se envereda por uma anomalia física – e psicológica – que alude à metamorfose de Kafka, questionando a própria realidade. Ao mesmo tempo percebe-se, sutilmente, a preocupação de Ranpo com um distanciamento emergente em um Japão moderno, e o fetiche pelo Ocidente. O conto foi adaptado para a TV, para o cinema (*Ningen Isu*, de Toshiyuki Mizutani, 1997), e circula, também, com uma popular sequência re-criativa em *manga*, ilustrada pelo quadrinista de *J-horror*, Junji Itō, lançada em 2017, e posteriormente re-editada em 2019, incorporando o elemento gráfico ao suspense e horror narrados no conto.

² Vale destacar que em língua japonesa faz-se prática adotar o sobrenome familiar antes do nome próprio, o que foi mantido neste artigo, muito embora encontrem-se, atualmente, adaptações para o estilo ocidental (nome-sobrenome) como medidas de critério editorial, sobretudo face ao crescente número de títulos da literatura japonesa traduzidos para o inglês e para português, e que induzem a tal medida. Inverter a ordem praticada pela língua japonesa causaria o apagamento intencional criado pelo autor ao adotar seu pseudônimo, uma vez que este é constituído a partir do uso de ideogramas cuja leitura intencionalmente se aproxima da pronúncia, em japonês, do nome “Edgar Allan Poe”.

Figura 1: 人間椅子 *Ningen Isu* (伊藤潤二 Junji Itō, 2017)



Idiosincrasias linguísticas (projeto de tradução)

Este conto foi publicado em inglês pela primeira vez na obra *Japanese Tales of Mystery & Imagination* (Tradução de James B. Harry, 1956, p.12-25). Para este projeto de tradução, no entanto, utilizou-se uma versão bilíngue contemporânea, 江戸川乱歩 短編集 *Short Stories of Ranpo Edogawa* (tradução de Tom Christian, 2016. p. 9-73).

Com este projeto de tradução busca-se trazer ao conhecimento público e dar visibilidade a um dos maiores ícones da ficção e do mistério literário japonês. Edogawa Ranpo (1894-1965), como é conhecido, é autor de diversos contos e romances policiais, dos quais muitos traduzidos para a língua inglesa³, alguns para a língua francesa, porém, à exceção da tradução livre de uma adaptação feita para a *manga* – as internacionalmente conhecidas histórias em quadrinhos japonesas –, não se localizaram traduções de seu trabalho para a língua portuguesa.

³ Destaca-se que a primeira tradução de sua obra *Japanese Tales of Mystery & Imagination* (1956), foi feita por James B. Harris em um trabalho arduamente elaborado em conjunto com o autor, considerando as limitações linguísticas de ambos: Ranpo, capaz de ler e compreender perfeitamente o inglês, não tinha domínio suficiente da escrita ou da conversação; Harris, por outro lado, fluente em japonês, era incapaz de ler ou escrever no idioma. Ademais, como agravante, seus encontros semanais durante 3, dos aproximadamente 5 anos que dedicaram ao trabalho, ocorreram sob a ocupação americana na II Guerra Mundial, enquanto Tóquio se recuperava lentamente dos ataques aéreos que destruíram grande parte da cidade (JACOBOWITZ, 2015, p.9).

Figura 2: Adaptação do *manga* em inglês (ITÔ, 2019)



Figura 3: Adaptação do *manga* em português (não oficial)



Não obstante, diversos escritores e artistas mundo afora se inspiraram em suas obras para produzir suas próprias interpretações, não somente na mídia impressa, mas igualmente em outras mídias. Cineastas, dramaturgos, artistas gráficos, e músicos alcançam públicos distintos, pois mesmo os jovens, atraídos pelo universo gótico tão em voga atualmente, mantêm viva a estética *ero-guro-nansensu*⁴ de Edogawa Ranpo.

O conto *Ningen Isu* 人間椅子, traduzido por *The Human Chair*, em inglês, faz parte de uma coletânea – *Japanese Tales of Mystery & Imagination* (1956) – com mais 8 contos que permeiam esse mundo do desconhecido e misterioso, trazendo à tona aquilo que não se quer revelar ou não se deixa ver, entre limites e transgressões que ameaçam

⁴ Expressão estética adotada a partir dos termos “*erotic, grotesque, nonsense*” no período entre guerras, frequentemente definida como uma estranha convergência entre o desejo sexual e o surreal, obscuro e o grotesco, porém, apesar desta simples definição, possui um significado profundo e desempenha um papel bem marcante nas ideologias sociais, culturais e literárias japonesas contemporâneas.

as convenções que nos definem e o mundo que criamos para nós mesmos. “Desejos inconfessáveis, dissimulações da personalidade, obsessões, neuroses, memórias reprimidas, psicogenias individuais e coletivas [...] são apenas alguns exemplos dos espectros que nos assombram” (SÁ, 2019, p.1-2), e que Ranpo explora com primazia.

Outrora considerado como um gênero exclusivamente anglófono, o gótico, mais recentemente, vem sendo discutido e pesquisado por críticos em todo o mundo, que apresentam suas próprias tradições culturais de horror e mistério. E ao adentrar nesse universo, não é por acaso que desponta o nome do autor que foi sua maior fonte de inspiração literária, Edgar Allan Poe. A escolha minuciosamente pensada para o seu pseudônimo⁵ com uma ressonância subliminar, a decisão pelo título de seu primeiro livro em inglês, uma óbvia alusão ao título da coletânea de Poe – *Tales of Mystery and Imagination* –, e, acima de tudo, o estilo narrativo em seus contos de mistério e romances policiais, fazem de Ranpo um exótico *doppelgänger* japonês (JACOBOWITZ, 2015).

Paralelamente, observa-se, nos dias atuais, um grande movimento de interação cultural entre o Japão e demais países ocidentais, principalmente no Brasil, país que abriga a maior colônia de descendentes e japoneses. Porém, não somente os descendentes de japoneses nutrem uma admiração pelo Japão a fim de resgatar suas origens, mas um número expressivo de não-descendentes busca cada vez mais aprender sobre a língua e a cultura japonesa, o que justifica este projeto de tradução a fim de divulgar o Japão para além dos *mangas* e *animes*, contribuindo para a construção de um conhecimento que não se limita ao imaginário de um Japão como o país de gueixas e/ou de tecnologia de ponta.

Quanto à tradução propriamente dita, por se tratar de línguas bastante distintas, como é o caso da variante brasileira do português e do japonês, supõe-se haver muitas restrições situadas no limiar entre equivalências e correspondências. Salienta-se, principalmente, sua complexa forma de escrita, que requer vasto conhecimento e domínio idiomático, já que possui quatro tipos distintos. São eles: os grafemas semânticos (ideogramas), conhecidos como *kanji*; os grafemas fonéticos (fonogramas japoneses), divididos em duas categorias, o *hiragana*, utilizados para representar flexões verbais, etc., e o *katakana*, que assim como o *hiragana*, representa sílabas, e não letras alfabéticas isoladas, sendo utilizado para transcrever palavras de origem estrangeira e onomatopeias; e por fim, o *romaji*, que é uma adaptação do alfabeto latino utilizado para a transcrição ocidental.

Ademais, os níveis de discurso na língua japonesa exigem especial atenção e são de extrema relevância, pois definem parâmetros diversos, caracterizando um complexo de construções que refletem a natureza hierárquica de sua sociedade, com distinções em formas verbais e vocabulários particulares, que variam de acordo com o *status* relativo aos interlocutores e dos graus que determinam as relações entre eles, o que nos remete ao conto e, assim, à compreensão dos diversos pedidos

⁵ 江戸川 (Edogawa) tem o significado de ‘Rio Edo’, região onde vivia, e 乱歩 (Ranpo) seria uma combinação da figura do *flanêur* (遊歩者 *yūhōsha*), adaptado para o ‘errante frenético e desordenado’ (JACOBOWITZ, 2015).

de desculpas que o protagonista faz em sua carta, por se dirigir à Senhora de forma direta e objetiva.

Cabe ressaltar que, apesar de existir na língua japonesa uma grande variedade de possibilidades de uso de pronomes pessoais, frequentemente estes são omitidos, sendo substituídos pelo próprio nome da pessoa a que se referem, ou simplesmente dispensados quando podem ser subentendidos. A título de exemplo, existem ao menos oito maneiras diferentes de se utilizar a palavra “você” – em japonês, *あなた*: *anata*, enquanto pronome pessoal utilizado para a segunda pessoa do singular. A título de comparação, pode-se dizer que uma equivalente mais direta no idioma português seria o pronome pessoal “tu”, embora se trate de um pronome não comumente utilizado na fala de algumas regiões do Brasil, sendo substituído, nestes casos, pelo pronome de tratamento “você”.

Trata-se de usos linguísticos que demonstram *nuances* culturais que refletem o gênero ou o *status* social do orador com seu interlocutor, respectivamente: uma forma empregada só por homens; uma forma polida para alguém de *status* superior; uma forma neutra quando se fala com um colega; um modo mais informal quando se dirige a alguém em um patamar inferior, etc. (HIRANO, 2006).

Entretanto, o uso do termo “você”, propriamente dito, é geralmente evitado por ser muito direto. Levando isso em consideração, o tradutor deve dedicar atenção especial ao verificar se há informações que sejam cruciais para a compreensão dos personagens ou da relação entre eles. Se houver, provavelmente haverá a necessidade de se encontrar vias alternativas para estabelecer o diálogo, exatamente como é o caso dos protagonistas de *Ningen Isu*, que em japonês jamais se dirigiram um ao outro pelo pronome “você”, ou mesmo “*you*”, como visto na tradução em inglês, ao que propomos a substituição por “Senhora” em todas as ocorrências, na tentativa de manter a hierarquia social comum à língua.

A fim de proceder com a tradução para a variante brasileira do português deste projeto, realizou-se o cotejo entre o texto em japonês presente na edição bilíngue adotada, bem como o texto em inglês, tradução de Tom Christian. A Tabela 1 a seguir contém um excerto do conto em questão; sua respectiva transliteração; a tradução para língua inglesa da edição bilíngue utilizada; e a proposta de tradução feita para o português.

Tabela 1: Excerto do conto em: japonês; sua transliteração; inglês; e português.

人間椅子 江戸川乱歩	<i>Ningen Isu</i> Edogawa Ranpo (Transliteração)	<i>The Human Chair</i> (Tom Christian)	A Cadeira Humana
そして、しばらくしますと、多分廊下の方からでしょ、コツコツと重苦しい足音が響いて来ました。それが、二三間むこうまで近付くと、部屋に敷かれたじゅうたんのために、ほとんど聞きとれぬほどの低い音にかわりましたが、間もなく、荒々しい男の鼻息が聞こえ、ハッとと思う間に、西洋人らしい大きな身体が、私の膝の上に、ドサリと落ちてフカフカと二三度はずみました。	Soshite, shibaraku shimasu to, tabun rouka no hou kara desho, kotsukotsu to omogurushii ashio to gahibiite kimashita. Sore ga, ni san gen mukou made chikazuku to, heya ni shikareta jūtan no tame ni, hotondo kiki torenu hodo no hikui oto ni kawarimashita ga, mamonaku, ara-arashii otoko no hanaiki ga kikoe, HA- to omou ma ni, seiyō hito rashii ōkina karada ga, watashi no hiza no ue ni, dosari to ochite fukafuka to ni san do hazumimashita.	After a while, I heard the thump-thump-thump (I think it came from the corridor) of someone walking with a heavy tread. The sound came to within five or six yards of me, then became almost inaudible due to the carpet on the floor. A moment later, I heard a man's rough nasal breathing, and before I could even get over my surprise, a large man – it had to be a Westerner – plunked himself down on my lap, then bounced lightly up and down a couple of times.	Depois de um tempo, ouvi sons de <i>tum tum tum</i> (acho que vinha do corredor), de alguém andando com passadas pesadas. O som chegou a uns cinco ou seis metros de mim, depois ficou praticamente inaudível devido ao tapete no chão. Instantes depois, ouvi a forte respiração nasal de um homem e, antes que eu pudesse me recuperar do susto, um homem corpulento – devia ser um ocidental – se jogou em meu colo, para então pular levemente para cima e para baixo algumas vezes.

Fonte: 江戸川乱歩 短編集 *Short Stories of Ranpo Edogawa* (2016, p.38-39).

Por meio deste excerto é possível verificar algumas idiossincrasias das línguas envolvidas. Por exemplo, entre os aspectos linguísticos de base, menciona-se aqui as adaptações que se fazem necessárias em relação a características específicas como, por exemplo, unidades de medida.

O texto em idioma japonês apresenta a narrativa com a seguinte citação: *それが、二三間むこうまで近付くと (Sore ga, ni san gen mukou made chikazuku to)*, que em uma tradução literal, teríamos para este trecho algo como: ‘Então, se aproximando a uma distância de 2 ou 3 *ken*’, em que o termo ‘*ken*’ – ou ‘*gen*’ quando justaposto a outras palavras – se refere à unidade de medida representada pelo ideograma 間. Dentre as várias acepções que este ideograma possui, tais como ‘espaço; intervalo; distância; tempo; chance’, dentre outras, apresenta o significado de unidade de medida ‘*ken*’ que equivale a 1.818 metros – ou 6 ‘*shaku*’ 尺, uma outra unidade de distância, equivalente a 30.3 centímetros⁶. Ao interpretar que o personagem pôde ouvir um som a uma distância de ‘2 ou 3 *ken*’, o tradutor, para a língua inglesa, optou pela adaptação à unidade de medida padrão da língua em referência, isto é, ‘*yard*’. Considerando que 1 jarda tem aproximadamente 0,914 metros, o tradutor obteria, então, a partir de sua escolha e fazendo a devida conversão de medidas, resultado próximo ao apresentado em japonês, com “*The sound came to within five or six yards of me*”. Do mesmo modo, ao propor a tradução para o português, utilizou-se a medida padrão da nossa língua, ou seja, ‘metros’, logo, o resultado obtido foi: “O som chegou a uns cinco ou seis metros de mim”, já que as

⁶ Fonte: jisho.org/word/間-3.

medidas inglesa e brasileira são bem mais próximas entre si, do que da japonesa.

Este foi um exemplo relativamente simples de ser resolvido, se comparado a um grande desafio enfrentado pelo tradutor deste idioma em específico, isto é, a numerosa quantidade de onomatopeias recorrentes na língua japonesa. Pode-se dizer que as onomatopeias em português, e talvez no ocidente de modo mais amplo, são, de certa forma, consideradas como linguagem infantil, quase não integrando o linguajar adulto. Para os japoneses, no entanto, “não somente as onomatopeias, mas também a *mímesis* são parte integral da linguagem escrita e falada por um adulto e constituem um universo à parte dentro do idioma” (LUYTEN, 2001-2002, p.180). No idioma japonês existem aproximadamente 1,2 mil onomatopeias, sendo que estas se apresentam sob a forma de *giongo*, com o sentido de palavra que imita o som, ou seja, são as onomatopeias propriamente ditas; e o *giseigo*, que seriam a representação de sons naturais. Além destas, há ainda outro tipo de reduplicação, a *mímesis*, ou em japonês, *gitaigo*, que são palavras que expressam os estados ou condições de seres animados ou inanimados, assim como mudanças, fenômenos, movimentos, crescimentos de árvores e plantas na natureza, em termos descritivos e simbólicos. Importante ressaltar que estas podem ainda ser utilizadas para descrever emoções ou sentimentos humanos, havendo situações em que representam ações e movimento e até mesmo silêncio e imobilidade (PEREIRA, 2001).

Ao longo de todo o conto, foi possível verificar o uso frequente de onomatopeias, que, na língua e na cultura japonesa, “representam não somente sons gravados, mas uma forma de pensamento diferenciado entre o Ocidente e o Oriente” (LUYTEN, 2001-2002, p.177). Interessante observar que, apesar do recorrente emprego de tal recurso estilístico, em mais de 30 páginas do conto, somente uma única vez optou-se por adotar uma onomatopeia na tradução em língua estrangeira, que apresentamos no excerto da Tabela I. Convém destacar que neste trecho, composto por um único parágrafo, foram utilizadas nada menos que 3 onomatopeias, a saber: コツコツ (*kotsu kotsu*); ドサリ (*dosari*); e フカフカ (*fuka fuka*).

Dos três exemplos encontrados neste parágrafo, somente a primeira, コツコツ (*kotsu kotsu*), foi traduzida para o inglês como *thump-thump-thump*, representando o som de batidas, provocadas por passadas pesadas. Após intensa busca, em português, o som mais aproximado de uma batida pesada localizado foi *tum tum tum*. Uma maior complicação para a tentativa de tradução dessas expressões se dá quando uma mesma onomatopeia, ou *mímesis*, possui interpretações bem diferentes entre si, com contextos não compartilhados em significado, embora o significante aparentemente, possa ser o mesmo. É o caso desta onomatopeia, já que a única acepção no *Onomato Pera-Pera An Illustrated Guide to Japanese Onomatopia* “sugere o esforço constante de alguém” (2016, p. 22, tradução nossa), e nenhuma outra. Já o *Jisho.org* traz, além do significado dos advérbios: “perseverantemente, dedicadamente, pacientemente, arduamente”; dos verbos: “clicar, estalar, batucar”; inclui também a expressão mimética ou onomatopaica para representar: “pancada, batida, golpe”; sendo esta última

apropriada ao emprego adotado no conto. As outras duas expressões presentes no excerto, ドサリ (*dosari* = abundante)⁷; e フカフカ (*fuka fuka* = macio e flexível)⁸, bem como todas as outras ocorrências do conto não foram traduzidas.

À guisa de reflexões sobre o fazer tradutório

Como mencionado anteriormente, neste projeto, para o procedimento tradutório do conto para a variante brasileira do português, realizou-se o cotejo entre o texto em japonês presente na edição bilíngue adotada, bem como o texto em inglês, tradução de Tom Christian. Para tanto, a tradução semi-indireta se mostrou favorável por permitir contar com o trabalho paralelo de outros pares e suas apreciações, o que contribui para a resolução de problemas intrínsecos aos processos de retextualização.

Por meio da tradução proposta, atesta-se a grande pluralidade de componentes de natureza linguística e cultural contidas, às vezes, em uma simples unidade lexical, o que constitui somente um dos vários desafios que se enfrenta ao trabalhar com tradução de tais línguas, tendo em vista que os contextos mais amplos se estendem muito além do léxico. E neste espaço situado entre as duas margens, a tradução, uma vez lançada, exercerá o papel de veículo intercultural que possibilitará algum tipo de compreensão entre culturas.

⁷ Fonte: MIZUNO, 2016, p. 25; jisho.org *dosari

⁸ Fonte: MIZUNO, 2016, p. 9; jisho.org *fukafuka

A cadeira humana⁹

Por Edogawa Ranpo

Todas as manhãs, Yoshiko acompanhava o marido quando saía para o trabalho um pouco depois das dez horas. Só então, finalmente, ela tinha um tempo para si mesma, e era um hábito seu trancar-se no escritório – uma sala que ela e o marido usavam – da ala em estilo ocidental da mansão. No momento, ela estava trabalhando em uma longa peça de ficção para a edição especial de verão da revista K.

Famosa tanto por sua beleza quanto por sua escrita literária, a reputação de Yoshiko havia superado a do marido, um secretário do Ministério das Relações Exteriores. Recebia, diariamente, um grande número de cartas de admiradores que não conhecia.

Hoje, como rotineiramente, sua primeira tarefa, após sentar-se à mesa e antes de começar o trabalho, era olhar algumas cartas desses desconhecidos.

Todas as cartas diziam as mesmas coisas entediantes, como se fossem produzidas de forma mecânica. Entretanto, com a consideração e respeito que eram peculiares à sua feminilidade, Yoshiko fazia questão de ler todas, por mais enfadonhas que fossem. Afinal, foram endereçadas a ela.

Ela começou com as que aparentavam ser simples – algumas cartas comuns e um cartão postal. Depois que as leu, o que restou foi um envelope volumoso; Yoshiko suspeitou que contivesse um manuscrito. Embora ela não tivesse recebido uma carta indicando que este seria enviado, receber manuscritos não solicitados não era algo incomum para ela. A maioria era terrivelmente prolixa e maçante; no entanto, ela o abriu e retirou um amontoado de páginas. “É melhor, ao menos, conferir o título”, pensou consigo mesma.

Como ela esperava, era um punhado de folhas encadernadas, impressas no padrão de papel favorito dos escritores. Estranhamente, porém, a história não trazia o título, tampouco o nome do autor, e o texto começava abruptamente com a palavra “Senhora”, dirigindo-se diretamente a ela. “O que é isso?”, ela pensou. “Então, no fim das contas, deve ser uma carta.” Bastou passar os olhos pelas primeiras duas ou três linhas para ver que havia algo um tanto anormal, até desagradável, na carta. Mas logo sua curiosidade natural prevaleceu e ela seguiu em frente com avidez.

Senhora,

Eu humildemente suplico seu perdão. É iníquo para um homem que a Senhora nunca sequer conheceu lhe enviar uma carta tão embaraçosa, de forma tão inesperada.

Sem dúvidas a Senhora ficará surpresa quando eu lhe disser que pretendo confessar um crime realmente extraordinário que cometi.

Honestamente, posso afirmar que, nos últimos meses, tenho levado a vida como o diabo, completamente oculto do mundo dos homens. Nenhuma viva alma, no mundo inteiro, imagina o que tenho feito. Verdade

⁹ Conto publicado na obra *Japanese Tales of Mystery & Imagination* (Tradução de James B. Harry, 1956).

seja dita, eu nunca poderia ter retornado ao ordinário mundo das pessoas, se um determinado fato não tivesse ocorrido.

Recentemente, no entanto, uma mudança surpreendente aconteceu em meu âmago. É isso que me obriga a confessar à Senhora sobre o meu lastimável ser. Muito do que digo deve parecer suspeito; no entanto, eu imploro que a Senhora leia esta carta até o fim. Se o fizer, entenderá o porquê de me sentir assim e porque desejo que a Senhora, em particular, ouça minha confissão.

Por onde devo começar? Ter que recontar uma história tão estranha, tão bizarra, por meios tão prosaicos quanto uma carta é constrangedor; eu mal consigo apoiar a caneta no papel. Porém, fazer rodeios não me trará benefício algum. O que farei, então, é começar do início e escrever tudo na ordem em que aconteceu.

Eu possuo uma aparência extremamente hedionda. Peço-lhe que tenha isso em mente. Se a Senhora aceitar meu ousado pedido e consentir em se encontrar comigo, seria difícil para mim suportar sua resposta sem o devido conhecimento do meu pavoroso rosto – agora ainda mais repugnante e repulsivo do que nunca, devido a meses de vida insalubre.

Eu nasci sob uma estrela de azar. Apesar da minha aparência horrorosa, meu coração, secretamente, sempre ardeu com paixões extraordinariamente intensas. Eu ignorava a realidade – que não passava de um simples artesão com o rosto de um monstro e extremamente pobre – e acabava sendo atraído por doces sonhos de luxo muito além do meu status social.

Se eu tivesse nascido em uma família rica, o dinheiro, ao permitir que eu me entregasse a todos os tipos de benesse, poderia ter me distraído da deprimente realidade sobre minha feiura. Se eu fosse dotado de grandes talentos artísticos, compor poemas requintados quiçá poderia ter me ajudado a esquecer a melancolia da vida. No entanto, desafortunado que sou, não tive tais vantagens. Eu não tinha escolha a não ser ganhar a vida como fabricante de móveis, vivendo as dificuldades de um dia após o outro, fazendo o trabalho que aprendera com meu pai.

Fazer cadeiras de todo e qualquer tipo era minha especialidade. Mesmo nossos clientes mais exigentes gostavam das cadeiras que eu construía. Assim sendo, a empresa decidiu que eu ficaria encarregado das encomendas especiais, colocando todas as solicitações que demandavam uma qualidade superior sob minha responsabilidade. Alta qualidade não significa simplesmente encostos e braços esculpidos; acima de tudo, recebíamos diversos tipos de pedidos desafiadores, baseados em preferências pessoais individuais sobre a sensação do estofamento ou com relação ao tamanho das diferentes partes da cadeira. Um amador não está apto a imaginar como essas ordens eram difíceis de realizar, mas o prazer de cumpri-las era diretamente proporcional à dificuldade envolvida. Seria muita arrogância comparar minhas emoções com o deleite que um artista sente ao concluir um magnífico trabalho?

Sempre que finalizo uma cadeira, a primeira coisa que faço é sentar-me nela para saber qual é a sensação. Essa é a única vez, em minha melancólica vida de artesão, que desfruto de uma sensação da

qual tenho um indescritível orgulho. Que nobre homem ou bela mulher se sentará nela? Se eles tiveram condições de encomendar uma cadeira tão magnífica, sua residência deve dispor de uma luxuosa sala, digna de acomodá-la. Pinturas a óleo, de artistas famosos, certamente devem estar dispostas em suas paredes, e um lustre a pender no teto, como uma magnífica joia. Tapetes caros cobrem o chão inteiro. Em frente à cadeira, há uma mesa sobre a qual estão acomodadas vistosas flores do Ocidente, exalando um doce perfume e florescendo de modo sublime. Profundamente entregue à minha fantasia, imaginei que a magnífica sala me pertencia e, por um breve momento, senti um prazer que excede minha capacidade de descrição.

Esses meus devaneios efêmeros cresceram incontrolavelmente. Apesar de ser um mero artesão, pobre e feio, ao sentar-me na cadeira que eu mesmo fizera, em meu mundo de sonhos me torno um jovem nobre e generoso. Ao meu lado, minha bela amada (ela sempre está presente em minhas fantasias) ouvia atenciosamente cada uma de minhas palavras, seu rosto reluzente de sorrisos. Mas isso não é tudo; em meus sonhos, eu segurava sua mão enquanto sussurrávamos doces frivolidades um ao outro.

Porém, não tardava para que meus sonhos fossem interrompidos pelo tagarelar das donas de casa locais e pelos gemidos histéricos de seus filhos doentes, e a realidade sórdida mais uma vez expunha seu cadáver plúmbeo diante de mim. De volta à realidade, fui confrontado com o meu verdadeiro Eu: lamentavelmente feio e sem semelhança alguma com um jovem nobre. E quanto à bela criatura que estava sorrindo para mim? Para onde foram ela e tudo mais? As enfermeiras esqueléticas, pálidas por desempenharem seu papel, nem sequer se viraram para me dirigir o olhar. A única coisa que restara do meu sonho foi a cadeira que eu havia feito. Lá permanecia, indiferente e triste. Mas mesmo ela, em breve, seria levada não se sabe para onde, mas para um mundo completamente diferente daquele em que eu vivia.

Dessa maneira, a cada nova cadeira que eu concluía, um sentimento indescritível de vida monótona me dominava. Gradualmente, esse sentimento horrível – indescritivelmente horrível – se tornou mais do que eu podia suportar.

“Se eu tiver que viver como um verme, prefiro estar morto”, pensei. E eu estava falando sério. Enquanto eu cuidadosamente guardava meu formão, martelava os pregos ou misturava minhas tintas fétidas, o mesmo pensamento girava e girava na minha cabeça. “Espere apenas um minuto. Se você está preparado para enfrentar a morte, será que não haveria um outro modo? Por exemplo...” Meus pensamentos começaram, pouco a pouco, a seguir um curso apavorante.

Foi exatamente quando me pediram para fazer grandes poltronas de couro, de um tipo que eu nunca havia feito anteriormente. Elas foram prometidas a um hotel aqui na cidade de Y, administrado por um senhor estrangeiro. Elas eram como as que ele, provavelmente, encomendaria em seu país de origem, mas a empresa para a qual eu trabalhava conseguiu ganhar a concorrência, convencendo-o de que havia artesãos no Japão capazes de fabricar cadeiras de igual qualidade àquelas do exterior. Isso foi o suficiente para me inspirar: esqueci os confortos da

vida e comecei a trabalhar. Trabalhei árdua e obsessivamente, colocando meu coração e minha alma no labor.

Olhando para as cadeiras prontas, senti uma satisfação sem precedentes. Embora falando comigo mesmo, elas possuíam um acabamento atraente e maravilhoso. Como de costume, arrastei uma das quatro cadeiras para uma sala com piso de madeira que recebia bastante luz do sol e me sentei suntuosamente. A sensação que tive ao sentar-me foi maravilhosa! A pressão do acolchoamento – com um estofamento não muito firme, nem muito macio; o toque do couro não tratado (que eu optei por não tingir, deixando uma cor natural) contra a pele; o encosto luxuoso, inclinado no ângulo certo para apoiar as costas; os dois apoios de braços generosamente fartos, com suas delicadas curvas: tudo estava perfeita e impressionantemente de acordo com a expressão “conforto harmonioso”.

Eu estava em êxtase enquanto afundava profundamente na cadeira e apertava seus braços fartos e arredondados. Então, como sempre acontecia comigo, uma série de fantasias surgiam espontâneas e incessantemente, tão vívidas e coloridas quanto um arco-íris multicolorido. Elas se desenrolavam diante dos meus olhos, tão reais e tão fiéis à minha imaginação, que temi estar perdendo a cabeça.

Enquanto isso acontecia, uma ideia maravilhosa me ocorreu de repente. (Gostaria de saber se é isso que as pessoas querem dizer quando se referem ao “diabo sussurrando no ouvido de alguém”?). Foi tão fantástico quanto um sonho, e extremamente perverso. Mas essa perversidade deu a ela um apelo indescritível, ao qual eu simplesmente não pude resistir.

No começo, não passava de um simples desejo de não renunciar à linda cadeira na qual eu havia trabalhado tanto; se eu pudesse, gostaria de acompanhá-la onde quer que fosse. À medida que esse desejo crescia lenta e hipnoticamente dentro de mim, em algum momento ele se fixou a um projeto estarrecedor que vinha se contaminando em minha mente ultimamente. Ah, eu devia estar bastante desequilibrado, porque resolvi colocar minha fantasia, simplesmente absurda, em ação.

Desmonei às pressas a mais bela das quatro poltronas que havia feito, e a reconstruí de tal maneira que eu pudesse realizar meu plano bizarro.

Era uma poltrona excepcionalmente grande, de modo que a base coberta de couro sobre a qual se senta quase alcançava o chão, enquanto o encosto e os braços eram excepcionalmente largos. Dentro dela, havia um espaço vazio que a perfazia inteira, de modo que um homem poderia se esconder ali sem o risco de ser percebido. Nesse espaço eu tinha instalado, é claro, uma estrutura de madeira resistente e um grande número de molas, mas bastava um pouco de habilidade no acabamento para criar uma cavidade grande o suficiente para se esconder, desde que você se sentasse no formato da cadeira, com o colo embaixo do assento e a cabeça e a parte superior do corpo no encosto.

Considerando que ajustes engenhosos desse tipo são o meu ponto forte, achei relativamente fácil reconfigurar a cadeira com destreza. Por exemplo, fiz uma fenda no couro – praticamente invisível do lado de fora – que me permitia respirar e ouvir o que estava acontecendo ao meu redor; dentro do encosto, exatamente onde estaria minha cabeça, eu

também construí uma pequena prateleira para armazenamento e estoquei uma garrafa de água e um pouco de biscoitos próprios para o exército. Me provi com uma grande bolsa impermeável para certas necessidades físicas básicas e criei vários outros artifícios, de modo que, desde que eu tivesse comida, eu poderia ficar lá dentro por dois ou três dias sem sofrer qualquer contratempo. Pode-se dizer que a cadeira, agora, se tornara um cômodo ideal para uma pessoa.

Tirando minha camiseta, abri a aba que havia construído na parte inferior da cadeira e deslizei para dentro. Era estranho, devo admitir. Bastante escuro, difícil de respirar, era como estar em um túmulo – e apesar de tudo, uma sensação extraordinária. Pensando bem, era realmente como um túmulo: no instante em que entrava na cadeira, desaparecia do mundo dos homens, como se eu tivesse colocado a capa da invisibilidade.

Algum tempo depois, um dos meus colegas de trabalho apareceu; ele estava empurrando um grande carrinho de mão para levar as quatro poltronas. Meu discípulo – nós dois morávamos juntos – o recebeu, alheio ao que estava acontecendo. Enquanto os trabalhadores carregavam o carrinho, um deles resmungou: “Essa maldita coisa pesa uma tonelada!” Dentro da cadeira, foi inevitável levar um susto. Apesar disso, como poltronas tendem a ser pesadas de qualquer forma, ninguém suspeitou de nada e, a certa altura, senti uma sensação estranha quando o estrondoso barulho do carrinho ressoou em mim.

Eu estava extremamente ansioso; porém, ao final, nenhum inconveniente aconteceu, e a cadeira comigo dentro foi colocada com um pesado baque em um dos cômodos do hotel naquela tarde. Somente mais tarde descobri que não se tratava de um quarto de hóspedes, mas um lugar chamado “*lounge*”, onde as pessoas se reúnem, folheiam os jornais e fumam seus cigarros, com uma grande variedade de indivíduos, sempre indo e vindo.

Imagino que a Senhora já tenha percebido o principal objetivo desse meu excêntrico intento: espreitar até que ninguém mais estivesse por perto, para então sair da minha cadeira e rondar pelo hotel roubando coisas. Afinal de contas, quem na terra pensaria em algo tão absurdo quanto uma pessoa escondida em uma cadeira! Como uma sombra, fui capaz de invadir um cômodo após o outro, completamente à vontade. Assim que as pessoas começavam algum alvoroço, eu voltava para o meu esconderijo dentro da cadeira e, tomando o devido cuidado para respirar o mais silenciosamente possível, me divertia assistindo suas tolas tentativas de me encontrar. A Senhora já ouviu falar do caranguejo-eremita? É uma espécie de caranguejo que vive na praia exatamente onde as ondas quebram. Parecido como uma grande aranha, anda de forma arrogante, como se fosse dono do lugar, quando não há ninguém por perto. No entanto, no instante em que detecta os mais leves passos, recolhe-se para dentro de sua concha com uma velocidade incrível. E então, com nada mais que uma pequena parte de suas peludas e repugnantes pernas dianteiras saindo de sua concha, ele observa os movimentos de seu inimigo. Eu era exatamente como um daqueles caranguejos-eremitas. Meu esconderijo era uma cadeira e não uma concha, e eu desfilava pelo hotel em vez de pela praia.

Enfim, esse meu plano insólito, exatamente por ser tão inusitado, pegava todos desprevenidos e foi um sucesso maravilhoso. No meu terceiro dia no hotel, eu já havia conseguido bastante coisa. A sensação de medo e prazer que acompanha a execução de um roubo, e a indescritível emoção quando você consegue executá-lo; a diversão ao assistir silenciosamente as pessoas fazendo um escarcéu bem na sua frente – “*Ele foi por aqui!*” “*Não, ele foi por ali!*”: Bem, a Senhora provavelmente consegue imaginar o extraordinário encanto que era para mim, e o quanto eu me divertia.

Entretanto, infelizmente agora não tenho tempo para esclarecer essas questões com maiores detalhes. Porque foi quando me deparei com uma forma de prazer preeminentemente bizarra que me encantou dez – não, vinte – vezes mais do que roubar coisas. Revelar isso à Senhora é o verdadeiro propósito desta carta.

Preciso voltar ao início e começar minha história a partir do momento em que minha cadeira foi depositada no *lounge* do hotel.

Quando a cadeira foi entregue, os gerentes do hotel passaram algum tempo testando-a para verificar seu conforto; então tudo ficou silencioso; eu não conseguia ouvir nada. Eu suspeitava que o cômodo estivesse vazio. No entanto, por um bom tempo desde a minha chegada, eu fiquei com muito medo de sair da cadeira. Por um período extremamente longo (ou talvez era essa minha impressão), mantive meus ouvidos atentos, na tentativa de ouvir qualquer som, para que eu pudesse ter uma ideia do que se passava ao meu redor.

Depois de um tempo, ouvi sons de *tum tum tum* (acho que vinha do corredor), de alguém andando com passadas pesadas. O som chegou a uns cinco ou seis metros de mim, depois ficou praticamente inaudível devido ao tapete no chão. Instantes depois, ouvi a forte respiração nasal de um homem e, antes que eu pudesse me recuperar do susto, um homem corpulento – devia ser um ocidental – se jogou em meu colo, para então pular levemente para cima e para baixo algumas vezes. Com apenas uma tira de couro separando minhas coxas de suas magníficas e robustas nádegas, eu estava tão perto que pude sentir o calor de seu corpo. Seus ombros largos inclinaram-se contra o meu peito e seus braços pesados cobriram os meus através do couro. Suponho que ele deva ter acendido um charuto, pois uma intensa fragrância masculina veio flutuando através da fenda no couro.

Tente, Senhora, colocar-se no meu lugar e imaginar como era. Que cena realmente inacreditável! Dominado pelo terror, sou fortemente comprimido na escuridão dentro da cadeira, com um suor frio escorrendo de minhas axilas; o poder de raciocinar me abandona; me vejo paralisado.

Aquele homem foi apenas o primeiro; durante o dia inteiro, diversos tipos de pessoas se revezaram para sentar em meu colo. Nenhum deles fazia a menor ideia de que eu estava ali ou que o que eles acreditavam ser um estofamento confortável era, de fato, um par vivo de coxas humanas.

Era um mundo coberto de couro, escuro como breu e que não permitia qualquer movimento. A Senhora pode imaginar o quão misterioso, mas ao mesmo tempo o quão atraente esse mundo era? Nele, percebíamos os seres humanos como criaturas extraordinárias,

completamente diferentes das pessoas que vemos ao nosso redor diariamente. Eles se restringem a suas vozes, sua respiração, seus passos, o farfalhar de suas roupas e a um amontoado de partes macias e arredondadas de carne. E eu consigo distingui-los não pela aparência, mas pelo toque. Alguém excessivamente gordo se senta como um peixe podre. Uma pessoa magra e franzina, ao contrário, parece um esqueleto. A curvatura da sua coluna, a extensão das suas omoplatas, o comprimento dos seus braços, as suas coxas roliças, a protuberância do cóccix – considere tudo isso e sempre haverá algo diferente entre as pessoas, por mais semelhantes que elas sejam fisicamente. Não há dúvidas de que é possível identificar as pessoas com base em sua compleição geral, assim como pela sua aparência facial ou suas impressões digitais.

O mesmo pode ser dito sobre o sexo oposto. Embora em circunstâncias normais as avaliemos, em grande parte, com base em sua aparência, isso está fora de cogitação no mundo interior da cadeira. Tudo o que você dispõe é de sua pele natural, o tom de sua voz e seu perfume.

Espero, Senhora, que não se ofenda com a franqueza do meu relato, mas foi no saguão que desenvolvi uma forte atração física por uma mulher. (Ela foi a primeira mulher a se sentar em minha cadeira.)

Se eu tentasse imaginá-la com base no som de sua voz, ela seria uma moça bastante jovem de algum país estrangeiro. Ela entrou quando não havia mais ninguém na sala, dançando e cantarolando uma lindíssima música em tom baixo, como se tivesse acabado de receber boas notícias. Tão logo percebi que ela estava em pé em frente à cadeira na qual eu me escondia, ela lançou seu corpo voluptuoso, porém extremamente macio, em cima de mim. Algo deve ter sido engraçado para ela, pois ela caiu na gargalhada, bateu palmas e também bateu os pés, pulando tão vigorosamente quanto um peixe preso em uma rede.

Por quase meia hora ela permaneceu sentada em meus joelhos, cantando e eventualmente balançando sua pesada estrutura no ritmo da música.

Para ser sincero, essa experiência inesperada foi algo devastador para mim. Por ter sempre considerado mulheres como seres sagrados (ou mais provavelmente como seres que intimidam), nunca tive sequer a coragem de olhar para seus rostos. Agora eu, entre todas as pessoas, estava tão perto dessa desconhecida moça estrangeira – não apenas na mesma sala e na mesma cadeira, mas sendo capaz de sentir o calor de sua pele através de uma única tira fina de couro. Da parte dela, não sentia nenhum constrangimento e estava feliz em confiar todo o seu peso aos meus joelhos e se comportar com uma tranquila falta de inibição, ao imaginar que não estava sendo observada. Eu podia fingir que a abraçava de dentro da cadeira. Através do couro eu pude beijar sua inebriante nuca. Eu tinha total liberdade para fazer o que quisesse com ela.

Como consequência dessa descoberta surpreendente, meu objetivo inicial de roubo ficou em segundo plano; agora eu estava completamente apaixonado pelo maravilhoso mundo das sensações. Até me convenci de que o mundo interior de uma cadeira podia estabelecer-se como meu habitat natural. Um sujeito sem valor como eu – feio, sem

vontade própria, atormentado por um complexo de inferioridade – só poderia viver uma vida de vergonhas e misérias no mundo radiante e divertido do lado de fora. Agora, simplesmente mudando o ambiente em que vivia, desde que eu pudesse suportar as condições de confinamento dentro da minha cadeira, eu poderia me aproximar de belas pessoas – ouvir suas vozes, tocar seus corpos – que nunca deixariam eu me aproximar, muito menos falar com elas no mundo radiante lá de fora.

Amor dentro de uma cadeira! É impossível para quem ainda não se sentou em uma cadeira imaginar quão extraordinário e viciante encanto possui. É um amor composto apenas pelo toque, audição e um pouco de aroma. É o amor de um mundo de trevas. Certamente não é um amor deste mundo. Talvez seja a luxúria lasciva do domínio do próprio diabo. Quando você para e reflete sobre isso, todas as coisas anormais e aterrorizantes que acontecem pelos cantos e recantos, sem que as pessoas tenham conhecimento, são realmente impressionantes!

Meu plano original era sair do hotel assim que eu fizesse o roubo que me propusera a fazer; no entanto, como estava prisioneiro de uma forma surreal de prazer, sem conseguir sair do lugar, persisti com minha nova maneira de viver, decidido a tornar o interior da cadeira efetivamente minha casa.

Minhas investidas noturnas não eram perigosas, pois tomava o máximo de cuidado para não fazer barulho, nem ser visto por ninguém. No entanto, o fato de eu conseguir viver dentro da cadeira por vários meses, sem que ninguém me descobrisse, me surpreendeu.

Eu passava quase o dia inteiro, todos os dias, no ínfimo interior da cadeira, com os braços e as pernas dobradas. Paralisado e incapaz de ficar de pé como consequência, fiquei restringido a correr de e para a cozinha e o banheiro como um caranguejo. Eu devo ser louco! Pois apesar de todo o desconforto que eu tinha que suportar, eu simplesmente não conseguia vislumbrar um modo de abandonar aquele maravilhoso mundo de sensações.

Para alguns poucos hóspedes, o hotel era mais como um lar e eles ficavam lá por um mês, às vezes dois; ainda assim, dada a natureza dos hotéis, a maioria das pessoas estava sempre indo e vindo. Consequentemente, eu tinha apenas que aceitar que os objetos de minhas afeições anormais mudariam com o passar do tempo. A lembrança de minhas muitas paixões estava gravada em meu coração, não de acordo com suas aparências, como costuma ser, mas principalmente de acordo com suas formas físicas.

Uma garota era magra, esbelta e destemida como uma potranca. Se torcendo e contorcendo, uma outra tinha o fascínio de uma cobra. Uma outra, generosamente dotada de uma gordura macia, era rechonchuda como uma bola de borracha. Outra, com seu corpo perfeitamente esculpido, era firme e forte como uma escultura grega. O corpo de cada mulher tinha seu próprio encantamento distinto.

Ao mudar, assim, de uma mulher para a outra, pude desfrutar de outras experiências extraordinárias, de um tipo bem diferente.

Uma delas envolveu o embaixador de uma grande potência europeia (descobri seu posto por meio das fofocas do mensageiro japonês) que, em determinada ocasião, repousara sua nobre silhueta sobre meu colo. Dotado de grande reconhecimento como político, ele

também gozava de uma reputação mundial como poeta. Isso foi motivo suficiente para que a oportunidade de sentir a pele desse grande homem me desse uma sensação de orgulho. Sentado sobre mim, ele teve uma conversa de aproximadamente dez minutos com vários de seus compatriotas antes de se pôr em pé. Obviamente, eu não fazia a menor ideia do que ele estava falando, mas toda vez que ele gesticulava, todo o seu corpo (que me parecia mais quente do que o das demais pessoas) se movia de modo tão solene, me estimulando de uma maneira que desafia descrições.

Foi quando uma ideia surgiu repentinamente em minha cabeça. Que tipo de efeito eu causaria se desse um golpe profundo e certo com uma adaga afiada, através do couro, diretamente em seu coração? Certamente causaria uma ferida letal da qual ele não se recuperaria. Que tipo de alvoroço provocaria não apenas em seu país de origem, mas nos círculos políticos japoneses? Que tipo de notícias fervorosas os jornais publicariam sobre o acontecimento? Com certeza, sua morte seria uma grande perda para o mundo, causando um grande impacto nas relações diplomáticas entre o Japão e seu país, sem mencionar, inclusive, sob uma perspectiva artística. Com uma simples atitude minha, eu poderia facilmente transformar esse grave incidente em realidade. Ao pensar nisso, não pude deixar de me sentir exultantemente satisfeito comigo mesmo.

Outro episódio envolveu uma famosa dançarina que veio ao Japão e se hospedou neste hotel e – por uma única vez – sentou-se em minha cadeira. Naquela ocasião, me senti tão emocionado quanto havia ficado com o embaixador, mas, além disso, a dançarina me transmitiu uma sensação de beleza física perfeita que eu nunca havia sentido antes. Sua beleza era tão avassaladora que não havia espaço em minha mente para pensamentos vulgares; em vez disso, eu a adorava com a veneração que alguém poderia nutrir por uma obra de arte.

Tive muitas outras experiências insólitas, maravilhosas ou perversas. Detalhá-las, no entanto, não é o objetivo desta carta, que já está bastante extensa. Eu deveria me apressar e chegar ao ponto principal.

Vários meses depois de chegar ao hotel, ocorreu uma mudança na minha situação. Por alguma razão, o gerente do hotel teve que retornar ao seu país de origem e o hotel foi remodelado, e como um negócio promissor, passou a ser administrado por uma empresa japonesa. Desprezando o estilo luxuoso original do hotel, a empresa japonesa planejava tornar o negócio mais lucrativo, administrando-o como uma hospedagem ao estilo japonês, voltada a um público de massa. Consequentemente, os móveis que não seriam mais utilizados foram entregues a um grande revendedor de móveis para fossem leiloados. Minha cadeira era um dos itens a serem incluídos no catálogo de leilões.

Minha primeira reação ao ouvir a notícia foi de decepção. Então comecei a pensar que poderia aproveitar a oportunidade para regressar ao “lado de fora” e começar a vida de uma nova maneira. Até então, o dinheiro que eu havia roubado era uma quantia razoável; portanto, mesmo que eu voltasse ao mundo, não teria que viver a mesma vida miserável de antes. Agora, em análise retrospectiva, deixar o hotel administrado por um estrangeiro era, por um lado, uma grande

decepção, mas por outro, uma nova fonte de esperança. Deixe-me explicar: apesar de ter me apaixonado por uma grande variedade de mulheres por meses a fio, não pude deixar de sentir falta de algo emocional, porque minhas parceiras do sexo feminino – independentemente de quão esplêndidos e agradáveis eram seus atributos físicos – eram todas estrangeiras. Quando o sentimento aflora, um japonês não pode sentir um amor verdadeiro, a menos que seja por outro japonês? Era assim que meus pensamentos vagavam quando minha cadeira foi levada à leilão. “Talvez eu seja comprado por uma pessoa japonesa. Talvez eu encontre lugar em uma família japonesa”. Esse foi meu último desejo. O desfecho foi que eu decidira seguir com minha vida dentro da cadeira por mais algum tempo.

Passei por péssimos momentos, vários dias, na loja do revendedor de móveis. Felizmente, logo assim que o leilão começou, minha cadeira rapidamente encontrou um comprador. Embora agora fosse de segunda mão, a cadeira ainda era suficientemente esplêndida para ser notada.

O comprador era um funcionário público que morava em uma cidade não muito longe da cidade de Y. Ser transportado dentro da cadeira em um caminhão que chacoalhava fortemente por muitos quilômetros, desde a loja de móveis até sua residência, foi tão desconfortável que pensei que fosse morrer. Ainda assim, meu desconforto mal merece ser mencionado em face à alegria que sentia por meu comprador ser, como eu ansiava, japonês.

Meu comprador, funcionário público, era dono de uma mansão incrivelmente maravilhosa. Minha cadeira foi colocada em um grande escritório, na ala em estilo ocidental. O que me deu uma enorme satisfação foi o fato de que o estúdio era pouco utilizado pelo marido, e mais utilizado por sua jovem e bela esposa. Desde que cheguei aqui, passei cerca de um mês constantemente em sua companhia. À exceção de quando está comendo ou dormindo, seu corpo suave está sempre sobre mim. E veja bem, ela está sempre no escritório, absorta em seus manuscritos.

Aqui não é o lugar para eu continuar falando em detalhes sobre o quão profundamente me apaixonei por ela. Além de ser a primeira mulher japonesa de quem eu havia me aproximado, ela também possuía um corpo extremamente belo. Eu estava realmente apaixonado pela primeira vez na minha vida. A título de comparação, minhas muitas experiências no hotel sequer mereciam ser mencionadas. A prova disso é que eu acredito claramente – por ela senti algo que nunca havia sentido antes: desfrutar carícias secretas não era mais suficiente e me esforcei consideravelmente para ela percebesse minha presença.

Se fosse possível, queria que ela percebesse que eu estava dentro da cadeira. E então – eu sei que estou correndo um grande risco aqui –, queria que ela se apaixonasse por mim. Como eu conseguiria transparecer isso a ela? Se eu simplesmente dissesse de forma objetiva a ela que havia uma pessoa escondida dentro da cadeira, ela certamente contaria ao marido e aos empregados, tamanho seria o choque. Isso estragaria tudo; e pior, eu também enfrentaria acusações por um crime hediondo e seria submetido a punições legais.

Eu decidi que minha melhor chance era tentar fazê-la se sentir tão confortável na minha cadeira de modo que afluísse um carinho por ela.

Artista que era, com certeza teria uma sensibilidade mais refinada que os demais. Se eu pudesse fazê-la sentir a vida em minha cadeira e fazer com que a amasse como uma criatura viva, e não como um objeto inanimado, isso seria deleite suficiente para mim.

Quando ela se lançava sobre mim, tentava acolhê-la o mais gentil e suavemente que podia. Quando estava sentada sobre mim e se sentia cansada, eu lenta e imperceptivelmente movia minhas pernas para acomodá-la melhor. Então, quando ela finalmente relaxava e adormecia, eu agia como um berço, balançando meus joelhos levemente para cima e para baixo.

Pode ser apenas fruto da minha imaginação, mas acho que, recentemente, minha dedicação foi recompensada; a dama parecia ter desenvolvido uma afeição pela cadeira. Ela se aconchega com a doçura de um bebê aninhado no seio de sua mãe ou de uma jovem que recebe o abraço de seu amado. Também posso perceber um sentimento melancólico na maneira como ela se movimenta sobre meu colo.

Assim, minha paixão ardia mais e mais intensamente com o passar dos dias. Até que, finalmente – Ah, Senhora! –, até que, finalmente, acabei desejando algo tão ofensivo que ultrapassou todos os limites da decência: *se eu pudesse apenas contemplar o rosto de minha amada e trocar uma ou duas palavras com ela, eu morreria feliz*. E assim meus pensamentos vagavam obsessivamente.

Naturalmente, Senhora, sei que já se apercebeu. Perdoe minha insolência ao usar a expressão “minha amada”. Na verdade, eu me refiro à Senhora. Eu sou o desprezível homem que se apaixonou perdida e tão esperançosamente pela Senhora, desde que seu marido comprou minha cadeira naquela loja de móveis na cidade de Y.

Senhora, este é o meu mais sincero desejo. Poderíamos nos encontrar, ainda que uma única vez? A senhora poderia, então, dirigir uma única palavra de consolo a esse homem feio e lastimável? Acredite-me, não pediria nada mais. Sou excessivamente horrível, e moralmente corrompido em demasia por nutrir essa esperança. Mas eu lhe imploro, por favor, por favor, atenda ao pedido ardente de um homem excruciantemente infeliz.

Saí de sua residência para escrever esta carta ontem à noite. Seria muito arriscado para mim fazer esse pedido pessoalmente, Senhora, e eu, simplesmente, não seria capaz de fazê-lo.

Enquanto a Senhora lê esta carta, estou perambulando pelo lado de fora de sua casa, pálido de ansiedade.

Se estiver preparada para atender à minha mais impertinente solicitação, coloque, gentilmente, seu lenço sobre o vaso com flores franjas rosa¹⁰ na janela. Responderei ao seu sinal indo até a porta de entrada da sua casa, como um visitante qualquer.

Com tão intensa súplica, encerro essa inusitada carta.

Tão assustadores eram os pressentimentos de Yoshiko que, mesmo estando ainda no meio da leitura, seu rosto já estava completamente sem cor.

¹⁰ Também conhecida como *Cravo Rosa Soberbo* ou *Flor Divina*, a *Dianthus Superbus* (*fringed pink*, em inglês; 撫子 *nadeshiko*, em japonês) pertence à família dos Caryophyllaceae, originária da Europa e Norte da Ásia (Fonte: *RHS – The Royal Horticultural Society*).

Sem muita noção do que fazia, deu um salto e fugiu do cômodo com a horrível cadeira e foi para a sala de estar, na parte da casa decorada ao estilo japonês. Ela pensou em rasgar a carta em pedacinhos e jogá-la fora, sem terminar de ler, mas a curiosidade foi maior e ela continuou lendo, sentada sobre a mesa de centro da sala de estar.

Seus medos eram justificados.

A ideia era demasiadamente aterrorizante! *Um completo e absoluto desconhecido esteve dentro da poltrona em que ela se sentava todos os dias da semana.*

“Que asco!”

Ela estremeceu como se alguém tivesse jogado água fria em suas costas. O tremor não cessava e perdurava, aparentemente, sem fim.

Aquilo era demais para assimilar. Yoshiko estava estupefata; ela não sabia o que fazer. Deveria ela tentar examinar a cadeira? Poderia ela realmente se propor a fazer algo tão repulsivo? Embora o homem não estivesse mais ali dentro, havia restos de comida e outros resíduos imundos deixados para trás por ele.

“Senhora, uma carta.”

Yoshiko levou um grande susto. Virando-se, viu uma das empregadas carregando uma carta que, segundo ela, acabara de ser entregue.

Yoshiko a pegou automaticamente; e estava prestes a abri-la, quando notou o destinatário e largou a carta, tomada pela mais violenta e terrível surpresa. *O nome dela apresentava o mesmo padrão da sórdida carta que acabara de ler!*

Por um longo tempo, ela não conseguiu decidir se deveria ou não abrir a carta. No final, ela rasgou o lacre e a leu, com os nervos à flor da pele, o tempo todo. Embora extremamente curta, a carta era assustadora o suficiente para lhe deixar novamente abalada.

Mais uma vez, devo implorar seu perdão por, com tamanha grosseria, lhe enviar esta carta sem nenhum tipo de aviso prévio. Sou um ávido leitor do seu magnífico trabalho há bastante tempo. A carta que enviei separadamente foi minha desajeitada investida na escrita ficcional. Muito me emocionaria se a Senhora pudesse examiná-la e emitir sua opinião. Por motivos pessoais, enviei o manuscrito antes de lhe escrever esta carta, por isso presumo que já o tenha lido. O que achou? Nada me daria maior prazer do que saber que meu modesto intento de ficção conseguira impressionar uma mestre da arte como a Senhora.

Eu deliberadamente deixei o manuscrito sem título; estou pensando em nomear a história de “A Cadeira Humana”.

Com pedidos de desculpas pela minha indelicadeza. Meus sinceros agradecimentos.

The Human Chair

By Edogawa Ranpo

Every morning, Yoshiko saw her husband off to work at a little after ten o'clock. It was then that she finally had some time for herself, and her habit was to shut herself up in the study – a room which she and her husband both used – in the Western-style wing of their mansion. She was currently working on a long piece of fiction for the special summer edition of K Magazine.

Famous both as a beauty and as an author, Yoshiko's reputation had grown to overshadow that of her husband, a secretary at the Foreign Office. A large number of letters from unknown admirers reached her every day.

Today, too, her first task, after sitting at her desk and before starting her work, was to cast her eye over some letters from complete strangers.

The letters all said the same dull things, as if churned out by rote. With the considerateness and good nature typical of her sex, however, Yoshiko made a point of reading them all through, no matter how dull they were. After all, they were addressed to her.

She began with the simple-looking ones – a couple of regular letters and a post card. After she had read them, what remained was a bulky envelope; Yoshiko suspected that it contained a manuscript. Although she had not received a letter to warn her it was coming, being sent unsolicited manuscripts was nothing unusual for her. The majority were excruciatingly prolix and dull; nevertheless she tore it open and pulled out a stack of pages. "I might as well take a look at the title," she thought to herself.

Just as she had expected, it was a bound bundle of sheets of the square-printed paper favored by writers. Oddly, though, the story featured neither a title nor the name of the author, and the text began abruptly with the word "Madam," directly addressing her. "What's this?" she thought. "So it must be a letter after all." She only needed to run her eyes over the first couple of lines to see that there was something faintly abnormal, even distasteful, about the letter. But her natural curiosity soon got the better of her and she plowed ahead at high speed.

Madam,

I humbly beg your forgiveness. It is wicked for a man whom you have never even met to send you so shameless a letter, out of the blue.

No doubt, Madam, you will be taken aback when I inform you that I intend to confess to you a truly extraordinary crime that I have committed.

I can in all honesty say that for the past several months, I have been living the life of a devil, wholly hidden from the world of men. Not a soul in the wide world knows what I have been up to. Indeed, I might never have returned to the ordinary world of people, had a certain event not taken place.

Recently, however, an astonishing change of heart has taken place within me. It is that which compels me to make this confession about my

unfortunate self to you. Much of what I say must strike you as suspicious; nonetheless, I beg you to read this letter through to the end. If you do so, you will understand why I feel as I do, and why I want you in particular, Madam, to hear my confession.

Where should I start? To have to recount so outlandish, so bizarre a story via so prosaic a means as a letter is embarrassing; I can barely bring myself to put pen to paper. Still, dillydallying will do me no good. What I shall do, then, is to start at the beginning and write everything down in the order in which it happened.

I am possessed of a hideously ugly appearance. Do your best to bear that in mind. Should you indulge my boldfaced request and consent to meet with me, it would be hard for me to bear your untutored response to my ugly face – now more loathsome and repulsive than ever due to months of unhealthy living.

I was born under an unlucky star. In spite of my ugly appearance, my heart has always secretly burned with unusually fierce passions. I ignored the reality – that I was no more than a simple craftsman with a face like a monster and dirt poor to boot – and was drawn to sweet dreams of luxury far beyond my social status.

Had I been born into a wealthy family, money, by enabling me to indulge in all kinds of dissipation, might have distracted me from the depressing fact of my ugliness. Had I been endowed with greater artistic talents, composing exquisite poems might have helped me forget the dreariness of life. Unlucky that I am, however, I had no such advantages. I had no choice but to earn my living as a furniture maker, one hard day at a time, doing the job that my father had passed down to me.

Making chairs of any and every kind was my specialty. Even our most demanding clients liked the chairs that I built. As a result, the company singled me out for special treatment, sending all the orders for high-quality pieces in my direction. High quality doesn't just mean carved backrests and armrests; on top of that, there were all sorts of challenging orders based on individual personal preferences about the feel of upholstery or the relative sizes of different parts of the chair. A layperson isn't equipped to imagine just how difficult these orders were to fulfill, but the pleasure of completing them was in direct proportion to the difficulty involved. Would it be presumptuous for me to compare my emotions to the joy that an artist feels upon bringing some magnificent work to completion?

Whenever I finish a chair, the first thing I do is to sit on it to see how it feels. That is the only time in my dreary artisan's life that I get to enjoy a sense of indescribable pride. What noble man or beautiful woman will sit on it next? If they were able to order so magnificent a chair, their residence must contain a sumptuous room worthy of it. Oil paintings by celebrated artists must surely line its walls and a chandelier hang from the ceiling like a magnificent jewel. Expensive carpets cover the entire floor. In front of the chair there is a table upon which sit gaudy flowers from the West, emitting a sweet scent and blooming lavishly. As I drifted deeper into my daydream, I imagined that the magnificent room belonged to me and, for the briefest of moments, felt a pleasure that surpasses my powers of description.

These ephemeral fantasies of mine grew unstoppably. Despite being a mere poor, ugly artisan, as I sat in the chair I had made myself, in the world of my dreams I was transformed into a high-minded young nobleman. To one side of me, my beautiful mistress (she always featured in my fantasies) hung on my every word, her face gleaming with smiles. Nor was that all; in my dreams, I held her hand as we whispered sweet nothings to one another.

It never took long, however, before my dreams were interrupted by the jabbering of the local housewives and the hysterical wailing of their sickly children, and sordid reality once again exposed its grey corpse before me. Returning to reality, I was confronted with my true self: pitifully ugly and with no resemblance to a young nobleman. And as for that beautiful creature who had been smiling at me? Where had she and everything else gone? The squalid nursemaids, dusty from playing with their charges, did not so much as turn to look at me. The only thing that remained from my dream was the chair that I had made. There it stood, stolid and sad. But even it would soon be carted off who knows where to some quite different world to the one I lived in.

In this way, with every new chair I completed, an indescribable sense of life's monotony overcame me. Gradually, that ghastly – that indescribably ghastly – feeling became more than I could bear.

"If I have to live like a maggot, I'd be better off dead," I thought. And I was quite serious. As I diligently plied my chisel, hammered in my nails or mixed up my foul-smelling paints, the same thought went around and around in my head. "Just wait a minute. If you're prepared to face death, mightn't there be another way? For instance...." My thoughts gradually began to take a fearful course.

It was precisely then that I was asked to make some large leather armchairs of a kind I had never previously put my hand to. They were destined for a hotel here in Y City that was managed by a foreign gentleman. They were the kind of thing he would normally have ordered from his home country, but the company for which I worked had managed to win the order by convincing him that craftsmen existed in Japan who were capable of making chairs that were not inferior to those from abroad. That was enough to inspire me: I forgot about the comforts of life and got to work. I toiled obsessively, putting my heart and soul into the job.

Looking at the finished chairs, I felt an unprecedented sense of satisfaction. Though I say it myself, they displayed marvelous and eye-catching workmanship. As was my habit, I dragged one of the four chairs into a wooden-floored room that got plenty of sunshine and plopped myself luxuriantly down. Sitting on it felt wonderful! The pressure of the cushioning – plump but neither too hard nor too soft; the touch of the untreated leather (which I had opted not to dye, leaving it a natural color) against the skin; the opulent backrest, tilted at just the right angle to support the back; the two richly bulbous armrests with their delicate curves: They were all in perfect accord and struck as the physical expression of the phrase "harmonious comfort."

I was in ecstasy as I sank deep into the chair and squeezed the plump round armrests. Then, as was always the case with me, a series of fantasies spontaneously bubbled unstoppably up, as vivid and as

colorful as the many-colored rainbow. They unfurled in front of my eyes, so clear and so true to my imagination, that I feared that I was losing my mind.

As this was going on, a wonderful idea suddenly occurred to me. (I wonder if this is what people mean when they talk about "the devil whispering in one's ear"?) It was as fantastic as a dream and exceedingly perverse. But that very perversity gave it an indescribable appeal which I just could not resist.

At the beginning, it was no more than a simple wish not to let go of the beautiful chair which I had worked so hard on; if I could, I wanted to accompany it wherever it went. As the wish slowly and hypnotically grew inside me, at some point it attached itself to an appalling project that had been festering in my mind lately. Oh, I must be quite mad, for I resolved to put my utterly freakish fantasy into action.

I hastily disassembled the handsomest of the four armchairs I had made, then rebuilt it in such a way that I could realize my bizarre plan.

It was an exceptionally large armchair, so the leather-covered base on which you sit almost reached the floor, while the backrest and the arms were unusually broad. Inside it there was a hollow space that ran through the whole thing, such that a man could hide himself in it with no risk of being detected. In this space, I had, of course, installed a sturdy wooden frame and a large number of springs, but a little clever workmanship was all it took for me to create a cavity that was big enough to hide in, provided you sat following the shape of the chair, with your lap beneath the seat and your head and upper body in the backrest.

Since clever adjustments of this kind are my forte, I found it easy enough to reconfigure the chair in a skillful manner. For instance, I made a slit in the leather – quite invisible from the outside – that enabled me to breathe and hear what was going on around me; inside the backrest, right by where my head would be, I also constructed a little shelf for storage and stocked it with a water bottle and some army hardtack. I equipped myself with a large rubber bag for certain basic physical needs and came up with various other contrivances, such that, provided I had food, I could stay inside for two or three days without experiencing any inconvenience. The chair now had become a room just right for one person, you might say.

Stripping down to my undershirt, I opened the flap that I had built into the bottom of the chair, and slid inside. It felt strange, I must admit. Pitch dark, hard to breathe, just like being in a tomb – all in all an extraordinary sensation. Come to think of it, it really was like the tomb: the instant that I entered the chair, I had vanished from the world of men, as if I had donned a cloak of invisibility.

A few moments later, one of my fellow employees came around; he was pushing a big handcart to collect the four armchairs. My apprentice – the two of us lived together by ourselves – welcomed him, oblivious as to what was going on. As the laborers loaded up the handcart, one of them growled, "This damn thing weighs a ton!" Inside the chair, I couldn't help giving a start. Still, given that armchairs tend to be heavy things anyway, no one was unduly suspicious and in due course I felt a

strange sensation as the thunderous rattling of the cart was transmitted through me.

I was exceedingly anxious; in the end, though, nothing untoward happened, and the chair with me in it was deposited with a heavy thump in one of the rooms in the hotel that afternoon. It was only later that I found out that this was not a guest bedroom, but a place called a "lounge" where people meet, peruse the newspapers, and smoke cigarettes, with a great variety of characters always coming and going.

I imagine that you have already divined the chief purpose of this eccentric endeavor of mine: to keep watch until no one was about, then to slip out of my chair and prow around the hotel stealing things. After all, who on earth would ever think of anything so ludicrous as a person hiding in a chair! Like a shadow, I was able to break into one room after another completely at will. As soon as people began to raise a rumpus, I would scoot back to my hidey-hole inside the chair and, taking care to breathe as quietly as I could, amuse myself by watching their nincompoopish attempts to find me. Have you heard of the hermit crab? It's a species of crab that lives on the beach right where the waves break. It looks like a large spider and it struts about as if it owns the place when there's no one nearby. The instant it detects the faintest of footsteps, however, it withdraws into its shell with an extraordinary turn of speed. Then, with just the tiniest length of its disgusting hairy forelegs sticking out of its shell, it watches the movements of its enemy. I was exactly like one of those hermit crabs. My hiding place was a chair rather than a shell, and I swaggered around the hotel rather than a beach.

Anyway, this outlandish plan of mine, precisely because it was so outlandish, caught everyone off guard and was a marvelous success. By my third day at the hotel, I had already accomplished a great deal. The fear-tinged yet enjoyable feeling that accompanies the carrying out of a robbery, and the indescribable thrill when you manage to pull it off; the amusement to be derived from silently watching people making a commotion right in front of you – "*He went this-a-way!*" "*No, he went that-a-way!*": Well, you can probably imagine the extraordinary charm it had for me, and how much entertainment I derived from it

Unfortunately, though, I do not now have the time to go into such matters in detail. Because this was when I stumbled upon a preeminently bizarre form of pleasure that delighted me ten – nay, twenty – times as much as stealing things. Revealing that to you is the true purpose of this letter.

I need to go back to the beginning and start my story from when my chair was deposited in the hotel lounge.

When the chair was delivered, the hotel managers spent a while testing it for comfort; then everything went quiet; I couldn't hear a thing. I suspect that the room was deserted. Nonetheless, for a while after my arrival, I was far too frightened to emerge from the chair. For an extremely long time (or perhaps it just felt that way to me) I strained my ears, listening intently to catch any sounds so I could form an idea of what was going on around me.

After a while, I heard the thump-thump-thump (I think it came from the corridor) of someone walking with a heavy tread. The sound

came to within five or six yards of me, then became almost inaudible due to the carpet on the floor. A moment later, I heard a man's rough nasal breathing, and before I could even get over my surprise, a large man – it had to be a Westerner – plunked himself down on my lap, then bounced lightly up and down a couple of times. With only a single strip of leather separating my thighs from his magnificent burly buttocks, I was so close that I could feel his bodily warmth. His broad shoulders leaned right up against my chest and his weighty arms overlay mine through the leather. I suppose he must have lit a cigar, for a rich male fragrance came wafting through the slit in the leather.

Try, Madam, to put yourself in my shoes and imagine what it was like. What a truly amazing scene it was! Overcome with terror, I am tightly scrunched up in the darkness within the chair, cold sweat pouring from my armpits; the power of thought deserts me; I drift into a stupor.

That man was only the first; throughout the day all sorts of people took turns to sit upon my lap. Not one of them had the least inkling that I was in there or that what they took for comfortable upholstery was in fact a living pair of human thighs.

It was a leather-sheathed world, pitch dark and permitting no movement. Can you imagine how mysterious, yet how appealing a world it was? In it, one perceived human beings as extraordinary creatures, utterly different to the people one sees around one on a daily basis. They are reduced to their voices, their breathing, their footsteps, the rustle of their clothes and a few round, springy lumps of flesh. And I can distinguish them not by their appearance, but by their feel. Someone grossly fat feels like a putrid fish. Contrarily, a gaunt, shriveled person feels like a skeleton. The bend of their spine, the spread of their shoulder blades, the length of their arms, the meatiness of their thighs, the protuberance of their tail bone – take all these together and there is always something different about people, no matter how similar their physiques. There is no doubt that one can identify people based on their overall feel, as well as on their facial appearance and their fingerprints.

The same can also be said about the opposite sex. While under normal circumstances we evaluate them largely based on their looks, that is out of the question in the world within the chair. All you have to go on is their bare flesh, the tone of their voice and their scent.

I hope, Madam, that you will not be offended at the frankness of my account, but it was in the lobby that I developed a powerful physical attachment to a woman. (She was the first woman to ever sit on my chair.)

If I try to picture her based on the sound of her voice, she would be a rather young girl from somewhere abroad. She came in when there was no one else in the room, half-dancing and singing an extraordinary song under her breath as if she had just received some good news. No sooner had I sensed that she was standing in front of the chair in which I was hidden than she flung her voluptuous yet supremely supple body right on top of me. Something must have struck her as funny, for she burst into peals of laughter and clapped her hands and stamped her feet, bouncing around as vigorously as a fish caught in a net.

For almost a full half hour, she sat on my knees, occasionally breaking into song and wiggling her heavy figure in time to the music.

To be honest, this unforeseen experience was an earth-shattering event for me. Having regarded women as sacred beings (or maybe more as frightening ones), I had never had the courage to even look at their faces. Now I, of all people, was so close to this unknown foreign girl – not just in the same room and in the same chair, but able to feel the warmth of her skin through a single thin strip of leather. For her part, she felt no awkwardness and was happy to consign her full weight to my knees and behave with the easy-going lack of inhibition that comes from thinking oneself unobserved. I could make as if to hug her from within the chair. Through the leather I could kiss the luscious nape of her neck. I was at complete liberty to do whatever I wanted with her.

As a result of my making this startling discovery, my original goal of theft took a back seat; I was now utterly infatuated with the wonderful world of sensation. I even convinced myself that the within-a-chair world was my naturally ordained habitat. A worthless fellow like me – ugly, weak-willed, tormented by a sense of inferiority – could only live a life of shame and misery in the bright and cheery world outside. Now, by simply changing the environment in which I lived, provided I could endure the cramped conditions within my chair, I could get close to beautiful people – hear their voices, touch their bodies – who would never allow me to approach them, let alone speak to them in the bright world outside.

Love inside a chair! It is impossible for anyone who has not actually climbed into a chair to imagine how extraordinary and intoxicating a charm it holds. It is a love comprised only of touch, hearing and a little bit of smell. It is the love of a world of darkness. It is certainly not a love of this world. Perhaps it is the lecherous lust of the devil's own domain. When you stop to think about it, all the aberrant and terrifying things that take place in the nooks and crannies beyond people's notice are truly mind-boggling!

My original plan had been to slip out of the hotel as soon as I had done the stealing I had set out to do; in thrall, however, as I was to a most bizarre form of pleasure, far from getting out of the place, I persisted with my new way of living, resolved to make the interior of the chair my permanent home.

My nightly expeditions involved no danger as I took the utmost care neither to make a sound nor to be seen by anyone. Nonetheless, the fact that I could live inside the chair for several whole months without even coming close to detection came as a surprise even to me.

I was spending almost all day, every day in the cramped interior of the chair with my arms and my legs bent. Numb all over and unable to stand upright as a result, I was reduced to scuttling to and from the kitchen and the bathroom like a crab. I must be insane! For despite all the discomfort I had to endure, I just could not see my way to abandoning that wonderful world of sensation.

For a few of the guests, the hotel was more like a home and they stayed there for a month, sometimes two; still, given the nature of hotels, the majority of people were always coming or going. In consequence, I just had to accept that the objects of my abnormal

affections would change as time went by. The memory of my many mistresses was graven in my heart not according to what they looked like, as per the normal way, but primarily according to their physical shape.

One girl was lean and slender and fearless as a filly. Wriggling and writhing wantonly, another had the allure of a snake. Yet another, lavishly endowed with springy fat, was plump as a rubber ball. Another, her body perfectly developed, was hard and strong as a Greek sculpture. Every woman's body had its own distinct charm.

As I switched like this from one woman to the next, I got to enjoy other extraordinary experiences, of a quite different kind.

One of these involved the ambassador of a Great European Power (I discovered his rank from the gossiping of the Japanese bellboy) who, on one occasion, reposed his noble form upon my lap. Already well known as a politician, he also had a worldwide reputation as a poet. That was reason enough for the opportunity to feel the skin of this great man to give me a thrill of pride. As he sat on top of me, he conducted a roughly ten-minute-long conversation with several of his countrymen before rising to his feet. I didn't, of course, have the faintest idea what he was talking about, but every time he made a gesture, his whole body (which seemed warmer to me than that of the average person) shifted ponderously, galvanizing me in a manner that defies description.

That was when an idea suddenly popped into my head. What sort of effect would I provoke if I made a single deep thrust with a sharp dagger through the leather straight at his heart? It would certainly cause a fatal wound from which he would not recover. What sort of brouhaha would be enacted not just in his home country, but in Japanese political circles? What sort of impassioned articles would the newspapers run about the event? For sure, his death would be a serious loss for the world, having a serious impact on diplomatic relations between Japan and his country, not to mention from an artistic perspective. With a simple action on my part, I could easily make this grave incident into a reality. At the thought, I could not help feeling quite extraordinarily pleased with myself.

Another episode involved a famous dancer who came to Japan and happened to stay in this hotel and – it was only the one time – sat upon my chair. On that occasion, I felt as moved as I had with the ambassador, but in addition, the dancer transmitted to me a sensation of ideal physical beauty that I had never felt before. So overpowering was her beauty that there was no room in my mind for vulgar thoughts; instead I adored her with the reverence one might direct toward a work of art.

I had many other bizarre, marvelous or perverse experiences. To detail them, however, is not the purpose of this letter, which is already rather on the long side. I should hurry up and get to the main point.

Several months after I had gotten to the hotel, a change took place in my circumstances. For some reason, the hotel manager had to return to his native country and the hotel was made over as a going concern to a Japanese-run company. Abandoning the hotel's original luxury orientation, the Japanese company planned to make the business more profitable by running it as more of a mass-market, Japanese-style inn. As a result, such furniture as was no longer needed was handed over to a

big furniture dealer to be auctioned off. My chair was one of the items to be featured in the auction catalogue.

My first reaction on hearing the news was disappointment. Then I began to think I could use it as an opportunity to return to "the outside" and start life anew. By then, the money I had stolen amounted to a considerable sum, so even if I rejoined the world, I would not have to live the same miserable life as before. Looking back at it now, leaving the foreign-run hotel was a big disappointment in one way, but a new source of hope in another. Let me explain: Despite having fallen in love with such a variety of women over several months, I could not help feeling that something was lacking on the emotional side, because my female counterparts – regardless how splendid and pleasing their physical attributes – were all foreigners. When push comes to shove, surely a Japanese cannot feel genuine love unless it is toward another Japanese? That was the way my thoughts were tending when my chair was put up for auction. "Perhaps I'll be acquired by a Japanese person. Maybe I'll find a place in a Japanese family." That was my latest aspiration. The upshot was that I decided to continue with my life inside the chair for a little while longer.

I had a dreadful time for several days in the furniture dealer's store. Luckily, though, once the auction got under way, my chair was quick to find a buyer. Although it was now second-hand, the chair was still sufficiently splendid to attract notice.

The buyer was a civil servant who lived in the metropolis not all that far from Y City. Being transported inside the chair on a ferociously shaking truck for many miles from the furniture shop to his residence was so uncomfortable, I thought I was going to die. Still, my discomfort barely deserves a mention in light of the joy I felt at my buyer being, as I had hoped, Japanese.

My civil servant purchaser was the owner of a truly splendid mansion. My chair was deposited in a large study in its Western-style wing. What gave me enormous satisfaction was the fact that the study was used less by the husband and more by his young and beautiful wife. Since arriving here, I have spent roughly a month constantly in her company. Other than when she is eating or sleeping, her supple body is always on top of me. You see, she is always in the study, absorbed in her writing.

This is not the place for me to go on at length about how deeply I fell for her. Not only was she the first Japanese woman I had gotten close to, she was also the possessor of a more than beautiful body. I was truly in love for the first time in my life. In comparison, my many experiences at the hotel were undeserving of the name. The proof of that is, I believe, clear – for with her, I felt something I had never felt before: enjoying secret caresses was no longer adequate and I went to considerable trouble to make her aware of my presence.

If possible, I wanted her to sense that I was inside the chair. And then – I know I'm pushing my luck here – I wanted her to fall in love with me. How could I get that across to her? If I just told her straight out that there was a person hiding inside the chair, she would be sure to tell her husband and the servants out of sheer shock. That would ruin

everything; worse, I would also face charges for a heinous crime and be liable for punishment under the law.

I decided that my best bet was to try to make her feel so comfortable in my chair that she developed an affection for it. Artist that she was, she was sure to have a finer sensibility than average. If I could get her to sense the life in my chair and make her love it as a living creature rather than an inanimate object, that would be satisfaction enough for me.

When she flung herself down on top of me, I tried to receive her as softly and gently as I could. When she was sitting on me and was tired, I would slowly and imperceptibly shift my legs to adjust her position. Then, when she finally dozed off and slept, I would play the part of a cradle, jiggling my knees lightly up and down.

I could just be imagining things, but recently I think that my thoughtfulness has been rewarded; the woman seems to have developed a fondness for the chair. She lowers herself into it with the tender sweetness of a baby nestling in its mother's bosom or of a young girl receiving her lover's embrace. I can also detect a sentimental wistfulness in the way she moves upon my lap.

Thus it was that my passion burned more fiercely with every passing day. Until finally – Ah, Madam! – until finally, I ended up wishing for something so outrageous as to overstep all bounds of propriety: If I could just catch just a glimpse of my beloved's face and exchange a word or two with her, I would be happy to die. That was how far my obsessive thoughts went.

Of course, Madam, I know that you have already figured it out. Forgive my insolence in using the phrase "my lover." The truth is, I mean you. I am the pitiful man who has been so devotedly but hopelessly in love with you ever since your husband purchased my chair at that furniture shop in Y City.

This, Madam, is my dearest wish. Could you not possibly meet with me just once? Could you not then offer a single word of comfort to this pitiable and ugly man? Believe me, I will not ask for more. I am too hideous, too morally tainted to entertain such a hope. I beg you, please, please indulge the ardent prayer of an utterly unhappy man.

I slipped out of your mansion to write this letter last night. Not only would it be very risky for me to make this request face to face, Madam, I simply cannot bring myself to do so.

As you read this letter, I am hovering just outside your house, pale with anxiety.

If you are prepared to grant my most impertinent request, kindly place your handkerchief over the pot of fringed pinks in the window. I shall respond to your signal by going up to the front door of your house, like any ordinary visitor.

This passionate prayer brought the whole extraordinary letter to an end.

Such were Yoshiko's fearful forebodings that by the time she was halfway through it, the blood had quite drained from her face.

Hardly aware of what she was doing, she sprang to her feet and fled from the study with the horrible chair to the living room in the Japanese

part of the house. She thought about ripping up the letter and throwing it away without reading it through, but curiosity got the upper hand and she kept on reading at the low desk in the living room.

Her fears were justified.

The thought of it was just too terrifying! *A complete and utter stranger had been inside the armchair in which she sat every day of the week.*

"How disgusting!"

She shuddered as though someone had splashed cold water down her back. The trembling would not stop, but went on, seemingly without end.

It was too much to take in. Yoshiko was stupefied; she had no idea what to do. Should she try examining the chair? Could she really bring herself to do something so repulsive? Although the man was no longer inside it, there were sure to be food scraps and other filthy residues of his left behind.

"Madam, a letter for you."

Yoshiko gave a start. Turning, she saw one of the maids bearing a letter which, she said, had just been delivered.

Yoshiko took it automatically; she was just about to open it, when she noticed the inscription and dropped the letter, struck by the most violent and awful surprise. *Her name was in the same hand as the foul letter she had just finished reading!*

For a long time, she could not make up her mind whether or not to open the letter. In the end, she ripped off the seal and read it, her nerves jangling all the while. Although extremely short, the letter was strange enough to give her yet another jolt.

Once again, I must beg your forgiveness for so rudely sending you this letter with no sort of overture. I have been an enthusiastic reader of your masterful work for the longest time. The letter I sent under separate cover was my clumsy attempt at fiction. I would be thrilled if you could look it over and give me your opinion. For reasons of my own, I sent you the manuscript before writing this letter, so I assume that you have already read it. What did you think of it? Nothing would give me greater pleasure than the news that my modest little piece of fiction managed to make an impression upon a master of the art such as yourself.

I deliberately left the title off the manuscript; I am thinking of calling the story "The Human Chair."

With apologies for my rudeness. Sincerely and gratefully yours.

Referências

- HIRANO, C. Eight Ways to Say You: The Challenges of Translation. In: LATHEY, G. (Ed.), **The Translation of Children's Literature – A Reader**. Bristol, UK: Multilingual Matters, p. 225-231, 2006.
- JACOBOWITZ, S. **The Edogawa Rampo Reader**. Fukuoka: Kurodahan Press, 2015.
- JISHO.ORG Japanese-English Online Dictionary. Disponível em: <https://jisho.org/>
- ITÔ, J. The Human Chair. In: **Venus in the blind spot**. Tradução de Jocelyne Allen. São Francisco: VIZ Media, p.45-74, 2019.
- KAWANA, S. **Murder most modern: detective fiction and Japanese culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- LUYTEN, S. M. B. Onomatopeia e mimesis no mangá: a estética do som. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 52, p.176-188, dezembro/fevereiro 2001-2002.
- MIZUNO, R. (Ed.) オノマトペラペラ マンガで日本語の擬音語 擬態語 **Onomato-Pera-Pera An Illustrated Guide to Japanese Onomatopoeia**. Tokyo: Tokyodoshuppan, 2016.
- PEREIRA, F. P. Pequeno estudo comparado das Onomatopeias das Línguas Portuguesa e Japonesa. In: **XII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa e II Encontro de Estudos Japoneses**. Rio Grande de Sul: Gráfica UFRGS, p. 211-225, 2001.
- EDOGAWA, R. The Human Chair. In: **Japanese Tales of Mystery & Imagination**. Tradução de James B. Harris. Tokyo: Tuttle Publishing, 1956. p.12-25.
- EDOGAWA, R. 人間椅子 The Human Chair. Tradução de Tom Christian. In: 江戸川乱歩 短編集 **Short Stories of Ranpo Edogawa**. Tokyo: IBC Publishing, 2016. p.9-73.
- SÁ, D. S. (Org.) **O Gótico em Literatura Artes Mídia**. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019.

Artigo enviado em: 19/6/2022. Aprovado em: 30/11/2022.